



**“Etiqueta
democrática”
– a nova forma
de construir as
diferenças**

*“Democratic etiquette” – the
new way to build differences*

Fernanda Bonizol Ferrari¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8747-4617>

Resenha de: PASCOLATO, Costanza. A elegância do agora. São Paulo: Tordesilhas, 2019.



¹ Doutoranda e Mestra pelo programa Artes, Cultura e Linguagens da Universidade Federal de Juiz de Fora. Docente do curso de Tecnologia em Design de Moda de Centro Universitário Uniacademia. Coordenadora do Grupo de Estudos "Mulheres Vestidas", nesta instituição. E-mail: bonizolferrari@gmail.com Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4075899848654351>.

Costanza Maria Teresa Ida Clotilde Giuseppina Pallavicini Pascolato. Assim como seu nome, é longa a sua história na moda. Figura forte e conhecida, Constanza Pascolato transita entre três mundos: a indústria, a tecelagem Santaconstancia; o jornalismo de moda, atualmente é colunista da Revista Vogue Brasil; e a escrita de manuais de moda e comportamento para mulheres.

Sua primeira publicação nesse campo é de 1999, **O essencial**. Nesse livro a autora se atém à proposta tradicional dos guias de estilo: orientações sobre formas de se vestir e regras de comportamento que garantem à mulher uma postura considerada elegante. Em **Confidencial**, lançado em 2009, Constanza Pascolato abre o leque e mitiga o conteúdo de moda no título anterior com aquilo que ela chama de bem viver e um pouco de sua história pessoal. Mas é em 2019, em **A elegância do agora**, que sua história pessoal supera o propósito inicial de seus livros e a publicação se torna mais uma autobiografia que um manual de estilo. Das 210 páginas, dois terços são dedicados à sua história. É justamente aí que reside a dificuldade, e a importância, de resenhar a obra.

O livro é dividido em seis capítulos: “sensibilidades periféricas”, “quantas vezes você já deu no mundo?”, “caráter e imaginação”, “a casualização da moda”, “rituais de restauro” e “a mulher adulta”. No entanto, assim como toda a obra, cada capítulo mistura a história pessoal da autora com o conteúdo a que se propõe. É no capítulo sobre seus rituais diários de beleza, por exemplo, que ela conta sobre a morte de seu segundo marido. Dessa forma, essa resenha também propõe essa forma de apresentação: primeiro o caráter autobiográfico do texto e, depois, as impressões da autora em relação à moda.

Constanza Pascolato conta a história de uma mulher forte, com uma narrativa que vai da fuga da guerra e campos para exilados a grandes festas na companhia de Andy Warhol e Truman Capote em NY, “em um cenário excitante e glamuroso como o de *Mad Men*” (PASCOLATO, 2019 p. 76). Nascida em 1939, numa família da aristocracia italiana, foi em 1945 que a família partiu em busca de asilo nos países vizinhos e, depois de um tempo em um campo de refugiados na Suíça, seguiu rumo ao Brasil. Mas não pense que essa história é contada em meio a lamúrias e mágoas. Como ela mesma orienta, “não reclame. [...] Quando uma situação for de fato difícil, complicada, insuportável, entenda porque e tente sair dela” (PASCOLATO, 2019, p. 37). Esse é, inclusive, o que ela aponta como um dos cinco hábitos que devem ser eliminados desde a infância.

Toda sua história é contada assim, com alguma leveza e apontando o lado positivo. Isto é algo que havia aprendido com sua mãe, Gabriella Pascolato. Em “quantas vezes você já deu no mundo?”, ela conta em uma passagem, em que no campo de refugiados para onde foi com a família, sua mãe precisava trabalhar na lavoura, na plantação de tomates com as outras mulheres. No retorno, no final do dia, ela dizia que “tinha sido um bom dia porque aproveitara para tomar sol” (PASCOLATO, 2019, p. 54), sem lamentações.

Em “caráter e imaginação”, Constanza Pascolato conta sobre dois de seus três casamentos. O primeiro com Robert Blocker, aos 22 anos. Braço direito de David Rockefeller no Brasil e com quem teve suas duas filhas e, vivendo na Nova York dos anos 1960, teve a oportunidade de vivenciar uma grande revolução dos costumes no papel de uma “dondoca antenada” (PASCOLATO, 2019, p. 74). Seu segundo casamento foi com Giulio Cattaneo della

Volta, um marquês italiano diretor da Pirelli. Nenhuma destas relações foi aprovada pela sua mãe: o primeiro por sua origem americana, de uma cultura tão diferente da família, sem a classe da aristocracia europeia; já o segundo, por ser casado, assim como ela, seria um escândalo que a família não suportaria. Ao longo do livro, ela fala sobre momentos difíceis de sua vida, que envolvem o divórcio, ser deserdada, a perda da guarda das filhas, a morte do marido, câncer e depressão, mas tudo em meio a reviravoltas e superações.

Mas, se parte da vida contada não foi um mar de rosas, as rosas foram as mais belas, caras e exclusivas. Em “sensibilidade periférica”, ao apresentar sua árvore genealógica, Constanza exalta todos os predicados de seus antepassados, em especial seus pais. Deixando claro sua origem aristocrática (palavra que se repete várias vezes ao longo do texto), Michele Pascolato é apresentado como o rei da diplomacia, conhecedor dos códigos sociais, alma e corpo de esportista, exímio cavaleiro e gondoleiro, entre muitos outros predicados. Já a mãe, Gabriella, é destacada pela educação formal, tendo se graduado em Filosofia e Religiões Comparadas, algo incomum para as mulheres da época. “Uma mulher de grande energia e que sempre teve os planos mais nobres e ambiciosos do mundo” (PASCOLATO, 2019, p. 47), foi com ela, também, que travou seus maiores embates.

Mesmo que, a princípio, toda essa escrita autobiográfica pareça destoar do que se espera de um manual de moda e comportamento, ela é parte fundamental desse tipo de literatura, ao menos no que tange as autoras mais tradicionais, como é o caso de Constanza Pascolato.

A cultura do refinamento dos modos floresceu na Europa entre os séculos XII e XIII nas cortes e aqueles que não se submetiam aos padrões socialmente exigidos, corriam o risco de viver à margem, excluídos de uma vida civilizada. No Brasil, isso se tornou popular ao longo do século XIX, em um momento em que se mostrou imperativo para a sociedade se aristocratizar, adotando valores e costumes que a nivelassem, pelo menos aparentemente, aos seus pares europeus, ao mesmo tempo em que a distinguisse do resto da população (ELIAS, 1994; RAINHO, 1995) e é através dos ensinamentos dos manuais que isso se torna possível.

A leitura de tais livros demonstra uma conexão que se firma entre aparência, comportamento e distinção. Enquanto diferenciador social, a elegância do agora, também título do livro, pode ser entendida como capital simbólico distintivo, um princípio de hierarquização social produto das relações de poder que atuam na sociedade, onde “o gosto classifica e classifica aquele que classifica” (BOURDIEU, 1979, p. VI). Essa relação se mostra bastante clara quando a autoridade da autora busca ser comprovada pelo lastro da tradição familiar que detém, capital cultural incorporado das gerações anteriores que torna legítimo seu refinamento.

Miquetti (2009), quando trata das mudanças percebidas no vestir no século XIX, aponta a individualidade como um valor que se associa ao luxo e à moda, “[...] algo a ser buscado e construído, já que não mais garantido pelo nascimento”, assinala a necessidade de se estabelecer novas estratégias de distinção de classes e destaca a elaboração uma *bienséanse* cada vez mais apurada. Por mais que tantos séculos de distância pareçam um lapso temporal longo demais para comparações, ainda hoje, esse jogo está presente no campo do comportamento e das aparências. Além do capital simbólico, uma ideologia moral traduzida em atitudes de bom gosto, distinção, decência e autocontrole se somam ao

“saber viver” e os “bons usos” que se faz da própria aparência. É nesse sentido que se torna importante a análise do caráter autobiográfico do texto. É ele que, como há trezentos anos atrás, constrói a “caução estética de uma classe”, “carregando de razões a sua legitimidade” (PERROT, 1981, p. 20).

Outro ponto relevante está na temporalidade de suas publicações. Quando escreve **O mito da beleza**, Naomi Wolf (1992) aponta que a profissão consultora de imagem havia crescido oito vezes entre 1980 e 1990, em função das armadilhas e perigos ao qual as mulheres eram expostas por conta de sua aparência. A partir de então, os manuais de estilo são editados e vendidos em larga escala e o número de novos autores e leitores cresce substancialmente. Diante da concorrência, torna-se fundamental elevar as credenciais de quem escreve e garantir a diferenciação. Assim, publicando um livro a cada dez anos, 1999, 2009 e 2019, Costanza Pascolato adéqua o tom de seus títulos.

Se, em **O essencial** (1999), análises mais técnicas sobre o vestir – a roupa enquanto objeto – eram a temática do livro, em **A elegância do agora** (2019), é justamente a sua genealogia que importa. Sua autoridade no assunto é legitimada por se tratar de um capital cultural incorporado das gerações anteriores, o esmero no comportamento e na aparência que foi aprendida desde a infância, em hábitos familiares. Para Bourdieu (1979), nos manuais de *savoir-vivre* europeus, predomina a desvalorização de todo e qualquer processo de aprendizado formal, reconhecendo apenas aquilo que simplesmente é sentido “por instinto” como realmente distintivo daqueles que adquiriram tal comportamento no seio da família. Esse valor da tradição fica claro quando ela menciona, em uma passagem bastante breve, as *digital influencers*, formadoras de opinião, capazes de influenciar multidões de seguidores em mídias sociais e que, cada vez mais, se tornam referências de estilo e comportamento.

Algumas blogueiras ainda são referências para pessoas que estão começando a se interessar por moda. Mas não recomendo copiar as roupas de uma maneira mais barata, como acontecia antigamente com as atrizes da Globo. Essa coisa de cópia das “pessoinhas” já está passando (PASCOLATO, 2019, p. 113).

No um terço do livro em que ela trata, efetivamente, de moda e comportamento, a autora fala sobre sua experiência quando é admitida como produtora de decoração da revista Claudia e como começa a fazer produção de moda ainda na década de 1970, o que lhe abriu caminho no jornalismo de moda. Já na indústria têxtil, foi em 1987 que assumiu a tecelagem Santaconstancia, ramo de atuação da família desde 1948.

Para falar de estilo em 2019, Costanza traça um paralelo entre o vestir e os suportes de comunicação de massa, apontando Steve Jobs como “símbolo da nova elite do poder [...] associando requinte ao anticonvencional” (PASCOLATO, 2019, p. 107-108). Em “a casualização da moda”, único capítulo do livro dedicado especificamente à moda, a autora aponta aquilo que entende como a grande mudança da segunda metade do século XXI, na estética e no discurso. O oversized e o uso dos tênis são o que há de novo da moda, ao menos, para ela.

De fato, é razoável essa observação por parte da autora. Em **O essencial** (1999), em diversas passagens, ela orienta que as roupas devem ser do tamanho exato do manequim, nem um número a mais ou a menos, nem justinha nem larga demais. Para ela, essas formas

mais soltas parecem fazer parte de uma filosofia criativa que é estética e moral e que podem estar relacionadas à ideia de que mulheres têm diferentes formas e tamanhos e que isso pode ser lido como uma demonstração de poder. Essas manifestações estéticas e morais que Constanza aponta, também foram por ela percebidas nas semanas de moda que agora tem um “clima fashion-weeks-tem-que-ter-mensagem-propósito-e-objetivo”. Já o uso dos tênis, aqueles “sapatos com jeitão desengonçado”, cujo seu uso era abertamente relutante em 1999, agora são indicados como o sapato perfeito, podendo ser usado quase sempre e com quase tudo, exceto em jantares realmente formais.

Ainda sobre formas consideradas corretas de se vestir, a autora aponta a importância de cada um seguir a personalidade, lei fundamental e ato quase revolucionário nos dias atuais. No entanto, logo em seguida, ela orienta que cada um deve encontrar seu uniforme, como o tênis, o jeans e gola alta usada por Steve Jobs, para chamar de seu. Uma base bastante neutra e simples que recebe o acréscimo de acessórios para poder se distinguir no dia a dia. Ainda no capítulo, ela aborda o uso das cores, bolsas, óculos, sempre como complemento ao uniforme.

Essa forma padronizada de vestir é retomada no capítulo “a mulher adulta” quando ela relata a necessidade de criar um totem dela mesma. “Sempre pensei na ideia de criar uma imagem duradoura, uma marca, algo que fizesse as pessoas me reconhecerem até mesmo antes de me verem”; e assim nasceu a imagem que é reproduzida desde então: um penteado, maquiagem, o uniforme neutro, tênis e acessórios, especialmente os óculos. A produção desse totem, segundo ela, leva duas horas, e faz parte de seu ritual diário, que descreve em “rituais de restauro”.

Ao tratar de moda e comportamento, especialmente para mulheres, a autora reitera a importância da aparência no universo feminino. Primeiro, de forma historicamente construída e, depois, pela reiteração de discursos claramente direcionados a papéis sociais desempenhados pelas mulheres ao longo do tempo. Assim, esses manuais atuam como orientadores de modelos e ideais de elegância e feminilidade a serem seguidos pelas mulheres, em que as camadas dominantes são colocadas como representantes e as mais populares como observadoras de uma experiência na qual poderiam se espelhar.

No final do livro, Constanza aborda temas bastante atuais, como o envelhecimento, a relativização da idade pelo movimento ageless, sororidade, selfies e redes sociais e demonstra que, mesmo ainda priorizando as tradições, não é possível viver sem conhecer o novo. A elite artística, o hip-hop e a black music são indicadas como os grandes influenciadores da tal democratização da moda que ela menciona e se relaciona com novos valores e discursos da moda, como demonstração de poder, propósito e objetivo. No entanto, aquilo que se lia em 1999 não é tão diferente do que se lê agora. De fato, não parece mesmo diferente daquilo que, na leitura de Miquette (2009), representou uma reconstrução das hierarquias e novas desigualdades ainda na Modernidade.

As seculares regras de etiqueta continuam valendo, renomeadas de etiqueta igualitária ou democrática: “a arte de demonstrar respeito pelo outro, independente de posição social, raça, gênero ou faixa etária” (PASCOLATO, 2019, p. 41), deixando claro que as diferenças podem conviver pacificamente, mas isso não torna consultoras e leitoras iguais. Moda e comportamento reiterando as diferenças.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **La distinction**: critique sociale de jugement. Paris, Minuit, 1979.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

PASCOLATO, Costanza. **O essencial**: o que você precisa saber para viver com mais estilo. São Paulo: Objetiva, 1999.

PASCOLATO, Costanza. **Confidencial**: Segredos de Moda, Estilo e Bem-viver. São Paulo: Objetiva, 2009.

PASCOLATO, Costanza. **A elegância do agora**. São Paulo: Objetiva, 2019.

RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. A distinção e suas normas: leituras e leitores dos manuais de civilidade. Rio de Janeiro, século XIX. In: **Acervo**: Revista do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro. V.8, número 01/02, Jan./Dez 1995.

MICHETTI, M. Capítulos da Modernidade: moda e consumo na Paris do século XIX. **PROA Revista de Antropologia e Arte**, v. 1, n. 1, 1 nov. 2009. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/proa/article/view/2398>. Acesso em: 10 out. 2020.

PERROT, P. **Les dessus et les dessous de la bourgeoisie: une histoire du vêtement au XIXe siècle**. Paris : Fayard, 1981.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. São Paulo: Rocco, 1992.